

Núcleo articula com discrição e nos bastidores

Uma boa parte das decisões da Câmara hoje é tomada a partir da ação discreta nos bastidores de um pequeno grupo de deputados. Eles não ocupam postos de direção em seus partidos e, em muitos casos, são vistos com desconfiança pelos caciques que controlam as legendas, mas sua influência no Congresso é tão grande que não há crise ou ameaça de crise em que não sejam os primeiros a entrar em ação.

O núcleo desse grupo de “mosqueteiros” é formado por quatro deputados — José Genoíno (PT-SP), Nelson Jobim (PMDB-RS), Miro Teixeira (PDT-RJ) e Sigmaringa Seixas (PSDB-DF) —, mas, dependendo das circunstâncias, ele se amplia. Antes de assumir a liderança do governo, Roberto Freire (PPS-PE) era presença constante nas reuniões e articulações desse comitê informal. Benito Gama (PFL-BA) e o líder do PFL, Luís Eduardo (BA), são outros dois frequentemente acionados.

Recentemente, mexendo-se nos bastidores, o grupo jogou um papel decisivo para uma virada nos rumos da CPI, que andava patinando depois da decisão de que haveria um relatório parcial. Genoíno, Jobim, Miro e Sigmaringa chegaram à conclusão que essa medida, embora bem intencionada, teria resultados desastrosos para a investigação sobre o orçamento, porque os suspeitos que ainda não haviam prestado depoimento tenderiam a adiar indefinidamente seu comparecimento e os que fossem acusados no relatório parcial alegariam discriminação. Em dois dias, montaram uma operação de emergência, colocando à testa da articulação o líder

do PFL que, junto com o líder do PMDB, Tarcísio Delgado, conseguiu demover o relator Roberto Magalhães (PFL-PE) de sua intenção. E a comissão voltou a funcionar a pleno vapor.

“Não há um grupo formal. Se ele fosse formalizado, *melava*”, diz Genoíno. Tampouco o que une esses parlamentares são afinidades ideológicas. “O que temos em comum são preocupações democráticas e éticas, e uma firme intenção de valorizar, modernizar e moralizar o Congresso”, completa. Há um acordo tácito entre eles, por exemplo, de que é melhor deixar de lado a sucessão presidencial. O candidato de Genoíno é Lula; o de Miro, Brizola; Sigmaringa aguarda a concretiza-

ção da candidatura de Fernando Henrique; e Jobim só tem certeza de uma coisa: se Quercia for o escolhido pelo PMDB, não o apoiará de jeito nenhum.

O grupo começou a agir articuladamente durante a CPI que investigou o esquema de corrupção montado por Paulo César Farias. Discutindo permanentemente com os senadores Mário Covas (PSDB-SP), Pedro Simon (PMDB-RS) e Amir Lando (PMDB-RO) e o deputado Benito Gama (PFL-BA), foi formado um núcleo dentro da comissão, que acertava as táticas a serem adotadas a cada manobra de Fernando Collor. “A diferença da CPI do PC para a do Orçamento é que

aquela tinha um núcleo que conversava tudo. Além disso, havia uma polarização mais clara. O confronto era só com a *tropa de choque* do Collor. Na CPI do Orçamento, há mais interesses em jogo e as disputas partidárias são maiores e mais sofisticadas”, diz um dos integrantes do grupo, que faz questão de não se identificar.

Eles já têm problemas de sobras dentro de seus próprios partidos. “Cada um de nós tem uma laje em cima da cabeça. Quem quiser crescer, ou trinca a laje ou quebra a cabeça”, costuma dizer Genoíno, ele mesmo isolado dentro do PT, onde suas posições são consideradas reformistas. Os quatro, com idade entre 45 e 55 anos, pertencem a uma geração parlamentar que se encontra bloqueada pelos esquemas tradicionais que controlam o Congresso.

Jobim, por exemplo, embora seja considerado um dos juristas mais brilhantes do Congresso, ficou de quarentena dentro do PMDB por muito tempo e só alcançou o importante posto de relator da revisão constitucional porque, seus principais adversários dentro da bancada do partido, Genebaldo Corrêa (BA) e Ibsen Pinheiro (RS), enfraqueceram-se com as denúncias de corrupção no orçamento, e o líder do PFL, Luís Eduardo, trabalhou intensamente para que ele fosse o escolhido.

Miro e Sigmaringa não chegam a ser discriminados em seus partidos, mas também não estão entre os mais queridos pelos caciques. Miro evita chocar-se com Brizola, mas isso não faz dele um brizolista de quatro costados, condição essencial no PDT para chegar a funções importantes.

Maria José Lessa — 28/10/92



Benito Gama se uniu ao grupo dos ‘mosqueteiros’ durante CPI do PC